

A Progenie Transcendental do Realismo Especulativo: heranças cruzadas de uma linhagem bastarda

Matheus Henrique da Mota Ferreira

Resumo: O artigo pretende apresentar, 15 anos depois do colóquio que 'criou o movimento' do Realismo Especulativo, uma possível linhagem herdeira deste: o realismo(/materialismo/naturalismo) transcendental. A própria polivocidade de nomes já dá mostras de seu estado um tanto informe, contudo aqui partiremos da premissa de que, se as criaturas naturais podem dar à luz monstruosidades informes, também pode fazê-lo um movimento filosófico-especulativo. Começo então com uma breve apresentação sobre a questão de o Realismo Especulativo ser ou não um movimento ou tendência filosófica contemporânea pelo debate entre alguns dos participantes do *workshop* de Goldsmith. A seguir delineio essa tendência 'herdeira' do movimento e tento desencavar seus antecedentes filosóficos, enquanto argumento que talvez seja pela capacidade de gerar uma prole que o Realismo Especulativo possa ser retroativamente determinado como um movimento. O escavação começa ao reconhecer uma proximidade 'transcendental' entre os projetos filosóficos de Ray Brassier e Iain Hamilton Grant, terminando por revelar uma tripla genealogia que passa pelo naturalismo transcendental de Wilfrid Sellars, pelo cyber-deleuzianismo do CCRU e pelo materialismo lacano-marxista entre outros 'personagens filosóficos'. Concluimos essa quimera genealógica discutindo trabalhos recentes de Adrian Johnston e Ray Brassier e a crescente aproximação dessa linhagem um tanto amorfa com o marxismo. Rascunhado o heredograma desse movimento contemporâneo, sugere-se a elaboração de seu etograma como projeto investigativo futuro.

Palavras-chave: Realismo Especulativo; Realismo Transcendental; Materialismo Transcendental; Naturalismo Transcendental; Ray Brassier.

Abstract: The paper aims to present, 15 years after the workshop that 'created the movement' of Speculative Realism, a possible inheritor lineage of it: transcendental realism (/materialism/naturalism). The very polyvocality of names already shows its somewhat formless state, yet here we will start from the premise that if natural creatures can give birth to formless monstrosities, so can a philosophical-speculative movement. I begin then with a brief presentation on the question of whether or not Speculative Realism is a contemporary philosophical movement or trend by the debate among some of the participants in Goldsmith's workshop. I then outline this 'inheritor' trend of the movement and attempt to unearth its philosophical antecedents, while arguing that perhaps it is by its ability to generate offspring

that Speculative Realism can be retroactively determined as a movement. The excavation begins by recognizing a 'transcendental' proximity between the philosophical projects of Ray Brassier and Iain Hamilton Grant, ending by revealing a triple genealogy that passes through the transcendental naturalism of Wilfrid Sellars, the cyber-deleuzianism of the CCRU, and Lacano-Marxist materialism among other 'philosophical characters'. We conclude this genealogical chimera by discussing recent work by Adrian Johnston and Ray Brassier and the growing closeness of this somewhat amorphous lineage to Marxism. Having sketched the heredogram of this contemporary movement, we suggest the elaboration of its ethogram as a future investigative project.

Keywords: Speculative Realism; Transcendental Realism; Transcendental Materialism; Transcendental Naturalism; Ray Brassier.

1. Se houve ou há um realismo especulativo? → uma polêmica entre as linhas brassieriana e harmaniana

Nessa primeira seção, pretendo começar a delinear o objeto dessa investigação ☐ o realismo(/materialismo/naturalismo) transcendental ☐ a partir de uma breve apresentação de seu genitor, o (falecido?) realismo especulativo. Tal apresentação se centrará no debate se existe (ou existiu) esse evento pela polêmica entre as posições afirmativa (de Graham Harman) e negativa (de Ray Brassier). Minha posição é de uma concordância parcial com os autores, a qual será defendida pela sugestão de uma 'linha subterrânea', um 'herdeiro bastardo' do realismo especulativo, o qual, como projeto concreto consequente do evento anterior, retroativamente confirma sua existência (mesmo que não exatamente da forma como Harman e cia. identificam esse acontecimento).

Talvez o nome de Graham Harman e sua Filosofia ou Ontologia Orientada a Objetos (Object-Oriented Philosophy or Ontology, OOP or OOO) tenha se tornado o mais fortemente associado ao Realismo Especulativo. De certa forma, foi a sua filosofia e a de pensadores associados a ele¹ que mais se fez presente em séries de publicações que buscaram explorar e elaborar aquela "tendência" que apareceu no Workshop em Goldsmith em 2007.

¹ pensadores como Levi Bryant, Ian Bogost ou Timothy Morton.

É bastante notável a falta de coesão entre os projetos e orientações filosóficas dos quatro autores que se reuniram em Goldsmith e, querendo ou não, deram início a uma tendência que posteriormente se tornaria a brand do Realismo Especulativo²: Graham Harman, Iain Hamilton Grant, Quentin Meillassoux e Ray Brassier participaram deste workshop (organizado pelo próprio Ray Brassier e por Alberto Toscano), um evento cujas consequências reverberaram fortemente em uma então nascente blogosfera de debates teórico-filosóficos que se animava com a perspectiva de expandir a forma e conteúdo do fazer-teórico e/ou do fazer-filosófico.

Apesar das notáveis diferenças de projeto (e dos projetos desenvolvidos em resposta a esse evento), muitas das quais já foram notadas de princípio por participantes e organizadores, havia relações suficientes reconhecidas desde a primeira publicação do registro do colóquio:

Em vez de anunciar o advento de uma nova ‘doutrina’ ou ‘escola’ teórica, o evento reuniu quatro projetos filosóficos ambiciosos □ os quais ousadamente problematizam as fundações subjetivistas e antropocêntricas da ‘filosofia continental’ enquanto diferem significativamente em suas respectivas estratégias para superá-las. É precisamente essa singularidade de cada participante que permitiu que uma discussão frutífera emergisse. Junto à articulação de vários desafios para certas premissas idealistas estava igualmente em efeito a determinação dos obstáculos que qualquer realismo contemporâneo precisa ultrapassar. Em acordo com isso, alguns dos temas-chave considerados incluíram o estatuto da ciência e epistemologia para a filosofia contemporânea, a constituição ontológica do pensamento, e a natureza de objetos independentes-de-sujeitos. Contudo, como o moderador e co-organizador do workshop, Alberto Toscano, indicou, um traço comum dos trabalhos apresentados foi a implicação de que a partir de uma interrogação genuína da tradição continental, segue necessariamente um repúdio às ortodoxias sintomáticas da exaustão conceitual desta tradição (a mais visível delas sendo a enxurrada aparentemente interminável de literatura secundária insípida e a identidade ‘X-iana’ de seus autores), logo tornando essencial novamente a tarefa de fazer filosofia ‘em seu próprio nome’. O ‘Realismo Especulativo’, assim, força a filosofia contemporânea a fazer uma escolha, mas não tanto uma entre idealismo ou realismo. Em vez disso, há uma aposta aqui sobre a possibilidade de um futuro

² Para Wolfendale (2018, p.xiv), “The SR *trend* slowly transmuted into the SR/OOO *brand* as Harman asserted himself as its spokesman, and the community's unique dynamic dissolved as a result”. O que é difícil negar se se considera a posição privilegiada de Harman como proponente do Realismo Especulativo e algumas de suas próprias declarações: “The brand is not merely a degenerate practice of brainwashing consumer-ism, but a universally recognized method of conveying information while cutting through information clutter. Coining specific names for philosophi-cal positions helps orient the intellectual public on the various available options while also encouraging untested permutations. If the decision were mine alone, not only would the name “speculative realism” be retained, but a logo would be designed for projection on PowerPoint screens, accom-panied by a few signature bars of smoky dubstep music.” (HARMAN apud BRASSIER, 2018, p.410). Ao que Ray Brassier respondeu sugerindo que Harman havia acabado de inventar um novo gênero de marketing-filosófico.

para um pensamento filosófico audacioso e original como um discurso sobre a natureza da realidade □ ou, como alguém poderia preferir chamar: filosofia em si [*philosophy itself*].³ (MACKAY, 2007, p.307-8)

Para muitos também, se tornou um princípio orientador do que se convencionou chamar o ‘Realismo Especulativo’ a crítica ou enfrentamento direto do que Quentin Meillassoux chamou em sua obra de ‘Correlacionismo’. Para Harman (2010), “O ‘Realismo Especulativo’ é um termo extremamente amplo. Tudo que é necessário para ser um realista especulativo é se opor ao ‘correlacionismo’, termo de Meillassoux para o tipo de filosofia (ainda hoje dominante) que baseia toda a filosofia na interação mútua entre humano e mundo”. Esse seria o sinal dominante da tradição continental subjetivista ou antropocêntrica, esta que seria herdeira da fenomenologia e/ou da virada linguística da filosofia, e que teria desistido de discutir as ‘coisas como elas são’.

É especialmente interessante para esse trabalho notar como Ray Brassier virá a negar essa associação, por não acreditar que a divergência com relação a uma tradição correlacionista seja critério suficiente para identificar um conjunto ou grupo de filosofias: “A questão que surge então é se o anti-correlacionismo é uma condição suficiente para o Realismo Especulativo. Eu acho que não.” (BRASSIER, 2018a, p.412). Mesmo que se admita que o correlacionismo é uma tendência da tradição continental, a falta de coesão na forma da crítica ao correlacionismo se torna um fator impeditivo para a conformação de uma tendência filosófica qualquer para Brassier. O autor chega a reconhecer que correlacionismos epistêmicos ou metodológicos são condições necessárias para projetos de investigação da realidade, desde que salvaguardados do risco de recair em um ceticismo antirrealista como nos tipos de ‘correlacionismo forte’ identificados por Meillassoux. Desse modo, Brassier passa a identificar determinados discursos anti-correlacionistas (que ele associa com Harman e cia.) com modos de “caricaturar posições filosóficas rivais e curto-circuitar debates possíveis” (ibid., p.412).

Em um livro que se tornou definidor do legado do encontro em Goldsmith, *The Speculative Turn* (Giro ou Virada Especulativa), o editorial por Levi Bryant, Nick Srnicek e Graham Harman apresenta a contraposição à ‘Virada Linguística’ na filosofia como eixo

³ Todos os trechos citados no corpo do artigo são traduções livres dos originais em inglês, o que busquei fazer também em um esforço de disponibilizar esses materiais tão importantes para o debate filosófico contemporâneo na língua portuguesa.

orientador dos projetos que se associaram ou se inspiraram no realismo especulativo⁴ (2011, p.1). Assim comentam os autores:

Tem sido lugar-comum há tempos na filosofia continental focar no discurso, texto, cultura, consciência, poder, ou ideias como aqueles que constituem a realidade. [...] Contudo nos trabalhos do que descrevemos como ‘A Virada Especulativa’, pode-se detectar pistas de algo novo. Por contraste com o foco continental repetitivo em textos, discurso, práticas sociais e a finitude humana, a nova estirpe de pensadores está se voltando mais uma vez para a realidade em si⁵. Enquanto é difícil encontrar posições comuns a todos os pensadores coletados neste volume, todos certamente rejeitaram o foco tradicional na crítica textual. Alguns propuseram noções de objetos numerais e causalidade-em-si; outros se voltaram para a neurociência. Uns tantos construíram absolutos matemáticos, enquanto outros tentaram afiar as implicações inquietantes da psicanálise ou da racionalidade científica. Mas todos eles, de uma maneira ou outra, começaram a especular mais uma vez sobre a natureza da realidade independente do pensamento ou da humanidade em geral. (ibid., p.2-3)

Seria então a especulação sobre o real e o afastamento da ‘crítica textual’ padrão critério suficiente para identificar essa ‘tendência’ filosófica? Para os escritores do editorial, novas condições do real teriam exigido essa ‘aposta especulativa’ em uma renovada atenção que precisaria responder a problemas desde a crise climática aos avanços das neurociências e de pesquisas em inteligência artificial. “A especulação nesse sentido visaria algo ‘além’ das viradas crítica e linguística”, de modo a recuperar uma virtude pré-crítica no sentido de ‘especulação’, a saber, “a preocupação com o Absoluto, sem deixar de considerar o inegável progresso consequente do trabalho da crítica.” (ibid., p.3).

Brassier, um dos expoentes da assim identificada tradição, discorda veementemente dessa conclusão. Seu problema começa com a própria acepção do termo especulativo, que foi escolhido por Meillassoux para sua filosofia em relação ao sentido hegeliano para indicar “o tipo de pensamento que não se contenta em determinar a sua matéria [*subject-matter*] extrinsecamente ao adicionar predicados fixos a esta, mas que em vez disso permite que sujeito

⁴ Os autores também reconhecem que a própria escolha entre materialismo ou realismo como sujeito caracterizado pelo predicado ‘especulativo’ já é um ponto de polêmica entre diferentes autores envolvidos nessa nova cena filosófica.

⁵ um breve recorrido do editorial destaca entre nomes influentes para essa ‘nova estirpe’ (*new breed*) de filósofos os trabalhos de Slavoj Žižek e Alain Badiou (amplamente traduzidos para o inglês e capazes de circular na esfera anglófona do realismo especulativo), os trabalhos de Bruno Latour (reivindicados nesse novo contexto pelos defensores da OOO), de Isabelle Stengers (que provocou mais interesse por seus comentários à filosofia de Deleuze e Whitehead e sua coleção *Cosmopolitiques*, do que pelo engajamento com Latour), a não-filosofia de Laruelle entre outros (BRYANT et al, 2011, p.2).

e predicado troquem de papel tal que o predicado possa se tornar sujeito e o sujeito predicado.” (BRASSIER, 2018a, p.415). Para o autor, isso demonstra a abordagem dialética de Meillassoux, que leva seu materialismo ‘especulativo’ a se aproximar de Badiou e Žižek muito mais do que dos realistas especulativos. Nem Harman, Grant ou o próprio autor fariam especulação nesse sentido estrito. E em sentido amplo, o termo ‘especulativo’ seria “reduzido ao seu sentido adjetivo ordinário, significando ‘conjectural, fantasioso, infundado em evidência ou fato’. Prefixado a um mal definido ‘realismo’, se torna um álbi para uma doutrina que quer se poupar do trabalho da justificação.” (ibid, p.415-6).

Ele também expõe sua crença na impossibilidade de se encontrar um critério positivo relevante para a identificação desses diferentes projetos filosóficos:

[...] [A] Ontologia Orientada a Objetos de Harman, a *Naturphilosophie* [*Naturephilosophy*] idealista de Grant, o materialismo especulativo de Meillassoux, e meu próprio naturalismo transcendental sellarsiano⁶. O primeiro insiste que apenas objetos existem. O segundo defende uma ontologia dinâmica de potências [*powers*]. O terceiro propõe que o Absoluto não é o que é, mas o que pode ser. O último afirma que pensar está embutido em uma natureza à qual ele é logicamente (mas não causalmente) irreduzível. Qual seu traço comum? O fato de todas delimitarem uma posição em relação ao em-si? Mas também muitos filósofos analíticos mencionados acima [...] Harman afirma que há coisas-em-si, mas que só pode aludir a elas, não conhecê-las. Grant e Meillassoux negam que o em-si consiste de coisas, mas afirmam o poder do pensamento [*thought's purchase*] sobre o Absoluto. Eu afirmo que nós podemos conhecer as coisas-em-si, mas não por contato com o Absoluto, uma vez que conhecer leva tempo. Então o que nos une além do fato sociológico de que nosso trabalho tende a ser classificado como parte da tradição continental, enquanto os de Lewis, Williamson, Sider et al. são classificados como analíticos? (ibid., p.413-4)

Bastante contundente em suas palavras, Brassier garante a falta de unidade entre os quatro projetos que quase por acaso vieram a se encontrar em 2007. A posição de outro expoente do movimento (e maior proponente desta *brand*), Graham Harman, é de 2 mesmo reconhecendo as inúmeras diferenças entre os projetos individuais 2 afirmar a unidade do Realismo Especulativo que ele identifica como “um dos movimentos filosóficos mais influentes na arte, arquitetura e humanidades” (HARMAN, 2018, p.6). Para o autor, de fato há

⁶ Žižek fez um mapeamento similar dos quatro projetos quando afirmou sua divisão em quatro orientações: “Meillassoux’s ‘speculative realism,’ Harman’s ‘object-oriented philosophy,’ Grant’s neovitalism, and Brassier’s radical nihilism.” (ZIZEK apud HARMAN, 2018, p.10). Acho provável que muitos dos autores prefeririam a caracterização de Ray Brassier, certamente incluindo o próprio.

um “duelo prolongado entre várias formas de Realismo Especulativo” (id., 2013, p.23), das quais ele destaca os ramos epistemicista (com os ‘sabores’ matematicista de Meillassoux e cientificista de Brassier) e anti-epistemicista (que incluiria sua filosofia e o idealismo de Grant)⁷. No livro de 2018, ele usará a terminologia emprestada de Žižek ao separar os pares em científico/metafísico, de acordo com sua propensão ou não de conferir autoridade superior às ciências (naturais para Brassier e matemáticas para Meillassoux) na determinação ontológica última do real. Nesse mesmo livro, o autor também sugere uma aproximação entre ele e Brassier (em contraposição a Grant e Meillassoux) em relação à incomensurabilidade entre pensamento e mundo, ou sensível (*sensual*) e real (ibid., p.215) – as quais comentaremos melhor mais à frente. Ainda assim, fica bastante clara a oposição e duelo entre ‘alas’ do realismo especulativo, reconhecida pelo próprio Harman, em especial “a forte oposição entre a ala de Brassier [onde Harman localiza, por exemplo, Peter Wolfendale] do RE [SR] e a minha [OOO], ao ponto de Brassier hoje rejeitar até mesmo o nome ‘Realismo Especulativo’, apesar de ele próprio tê-lo criado.”(ibid., p.7)

O ponto de discórdia, portanto, não é sobre a divergência entre os projetos que recaem sob o ‘guarda-chuva’ do realismo especulativo, mas sobre as consequências dessa divergência, pois, enquanto para Brassier as divergências impedem qualquer agrupamento coeso, para Harman, “em geral, quanto mais forte um gênero de pensamento, ou arte, mais variações ele gerará”, o que ele observa como sendo o caso para a psicanálise e fenomenologia no século XX, que dificilmente teriam permanecido tão influentes se se mantivessem rigidamente fixadas nos cânones de Freud ou Husserl (ibid., p.10).

Com esse ponto, Harman volta a reiterar em seguida que apesar dos quatro projetos filosóficos com pouco em comum, há “uma unidade razoavelmente óbvia se comparado ao fundo [*background*] correlacionista da filosofia continental da qual emergiram” (ibid., p.10). Afinal, os quatro projetos são *realismos* – mesmo que em sentidos diferentes – o que para o autor significa “ser comprometido com a existência de um mundo independente da mente humana” (ibid., p.7); e os quatro são *especulativos*, “no sentido de que, diferente dos realismos do senso comum do passado, todos chegam a conclusões contraintuitivas ou flagrantemente bizarras [*strange*]”(ibid., p.10).

⁷ Em 2013, Harman também sugere que o ramo epistemicista estaria levando clara vantagem no duelo, o que se poderia verificar pelos sucessos consideráveis das filosofias de Žižek e Badiou na época, as quais ele claramente associa a Brassier e Meillassoux. Não me parece mais que esse seria o caso, mesmo que uma ‘vitória’ do ‘outro lado’ (se é que há alguma coesão nesse ‘outro lado’) também não me pareça poder ser facilmente afirmada.

Já sabemos a essa altura que esse tipo de definição vaga da afinidade entre os projetos (inclusive a especificamente vaga definição de especulativo) é o que incomodará Ray Brassier em especial. Como era de se esperar dada a filiação (todavia bastarda) assumida por essa investigação, passo a última palavra a Brassier, antes de (parcialmente) trair o ‘pai’ (ou um deles) dessa linhagem que tento aqui apresentar.

Na perspectiva do autor franco-britânico, o que havia de valor no workshop de 2007 era a tentativa de revitalizar questões sobre realismo, materialismo, ciência, representação e objetividade, em oposição ao que então parecia ter se solidificado como um ‘dogma continental’ (cujos três pilares estariam na fenomenologia, teoria crítica e desconstrução): antirrepresentacionista, além de contra a dualidade sujeito/objeto e por vezes crítico às ciências em geral. A questão fundamental que “animava o evento ‘Realismo Especulativo’ original” em contraposição à “atual *brand* do Realismo Especulativo” era se “talvez o consenso anti-representacional (ou ‘correlacionista’) [...] esconda um idealismo mais profundo e insidioso”, associada às perguntas acessórias se “É o realismo realmente tão ‘ingênuo’? E é a rejeição generalizada da representação e objetividade uma posição tão radicalmente crítica quanto se costuma afirmar?” (TOSCANO & BRASSIER, apud BRASSIER, 2018a, p.417).

Assim, colocando em questão também o esquema epistemicista/anti-epistemicista de Harman sobre os pares no evento de 2007, Brassier declara a relação entre filosofia e ciências naturais como aspecto central tanto em seu projeto como nos de Meillassoux e Grant (que afirma a ‘ligação eterna e necessária entre filosofia e física’ em sua *Naturphilosophie*). Apenas a ala ‘harmaniana’ da *brand* do Realismo Especulativo estaria mais preocupada com o ataque ao epistemicismo do que com a necessidade de “renegociar a relação da filosofia com as ciências naturais”:

Para Harman, alusões metafóricas superam a investigação científica e o fascínio com objetos supera a preocupação com a objetividade. De fato, a ironia [...] é que nas mãos de Harman o Realismo Especulativo apenas exacerba o desdém pela racionalidade, filosófica ou científica, que está entre as consequências mais questionáveis do correlacionismo. (BRASSIER, p.418)

Se o evento original possuía uma fidelidade à questão da relação filosofia/ciências, ou à reflexão sobre as bases racionais necessárias para se lançar a projetos de especulação sobre o real, esta teria sido completamente abandonada na reconfiguração harmaniana do realismo especulativo como um projeto de livre-especulação estético-filosófica sobre os objetos do real

em oposição quase direta às ciências naturais ou a qualquer ‘fundamentação epistemológica’. Curiosamente, contudo, em sua crítica ao realismo especulativo de Harman e comentário positivo sobre seu ‘aliado’ Wolfendale, Brassier acaba reconhecendo uma ‘genealogia subterrânea’ que continua operando:

[H]á um paradoxo apropriadamente dialético na percepção de que a autópsia de Wolfendale sobre a *brand* do Realismo Especulativo de Harman encarna tudo o que o workshop do ‘Realismo Especulativo’ pareceu prometer: uma ruptura com uma tradição continental terminalmente esclerosada e melhor resumida por um punhado [*a motley*] do que Lakatos chamou ‘programas de pesquisa degenerados’. Não há pouca ironia no fato de que essa promessa, brevemente incitada em abril de 2007, foi prematuramente extinta como resultado da tentativa de tornar o Realismo Especulativo palatável para um público cujas sensibilidades já estavam formatadas pela filosofia continental – um público que igualava representação e repressão, objetividade e opressão, naturalismo e cientificismo. (ibid., p.420-1)

No paradoxo dialético, uma autópsia da ala harmaniana é capaz de reavivar um núcleo pulsante do evento de 2007. Era de se esperar, portanto, que uma ‘autópsia especulativa’ aninhada em um projeto que o próprio Wolfendale chamou de Realismo Transcendental (2010), só pudesse dar origem a uma prole monstruosa. A progênie do realismo especulativo, forçado a se entrecocar com uma parte constitutiva de si (a OOO e cia.) e declarar sua própria autópsia, só poderia ser uma criatura frankensteiniana. Nascida de um cadáver por engenhosos artifícios, a linhagem que apresento a seguir como o realismo(/materialismo/naturalismo) transcendental precisa abrir caminho ao mundo mesmo contra as recomendações de um pai que talvez preferisse declará-la um aborto natimorto... É possível uma atualização retroativa do Realismo Especulativo de 2007.

Para afirmá-lo, pretendo portanto concordar e discordar de Ray Brassier. Em primeiro lugar, eu concordo com sua posição filosófica e com o tipo de ‘orientação especulativa’ que ele adota, a qual está comprometida com uma compreensão das ciências naturais sobre o real, sobre uma natureza que condiciona nossos próprios aparatos sensório-cognitivos, sem contudo determinar o modo de articulação semântica das redes conceituais que serão usadas para ‘capturar’ os elementos ontológicos da realidade. Porém, eu pretendo discordar do autor centralmente no que concerne ao resultado de sua autópsia. Não, o realismo especulativo não está morto, pois ele vive a partir de sua progênie. É compreensível o afastamento em relação a esse nome que primeiramente nunca indicou uma ‘escola’ ou

‘movimento’ filosófico coeso e que, segundamente, tornou-se um termo guarda-chuva para todo tipo de especulação que tinha muito mais em comum com a abordagem de Graham Harman; contudo a própria declaração de Peter Wolfendale ao início do livro cujo posfácio Brassier assina mostra como essa ‘trend’ inicial serviu de inspiração e corpo nucleador de um certo grupo de pensadores que apresentavam afinidades programáticas em seus projetos⁸.

Seguindo essa posição, posso facilmente e sem remorsos assinar a declaração da autópsia de um certo realismo especulativo⁹, mas apenas se puder ao mesmo tempo servir de testemunha no cartório que arquiva a certidão de nascimento do realismo (/materialismo/naturalismo) transcendental como progênie (mesmo que bastarda e monstruosa) desse movimento tão profícuo que todavia se tornou quase sinônimo de algumas das linhagens menos interessantes que ele inicialmente gestou.

2. O terceiro eixo transcendental-especulativo? → *a propósito do diálogo entre Brassier e Grant*

Para começar a delinear a semente dessa linhagem, exploro aqui um esquema formulado a partir da sugestão ‘taxonômica’ de Žižek, re-elaborada por Harman (2018), e ao qual acrescento um novo eixo, essencial a essa investigação.

Como brevemente comentado na seção anterior, em seu recente livro introdutório ao realismo especulativo, Harman comenta e sugere uma reelaboração da ideia de Žižek de que as quatro posições apresentadas no evento Goldsmith se organizariam em dois eixos de oposições: secular/divino (com Brassier e Grant em oposição a Harman e Meillassoux); e científico/metafísico (com Brassier e Meillassoux contra Harman e Grant). Enquanto ele concorda com o eixo científico/metafísico proposto por Žižek (que ele renomeará em alguns momentos como epistemicista/antiepistemicista), Harman não vê sentido algum em sua filosofia ser associada a um elemento divino ou religioso e propõe um novo eixo que colocaria sua abordagem e a de Ray Brassier em contraposição às de Grant e Meillassoux:

Apesar da recente e chamativa hostilidade de Brassier e seu círculo em relação à OOO, há um ponto crucial sobre o qual esses dois círculos concordam fundamentalmente: a incomensurabilidade

⁸ A citação referida concerne ao comentário de Wolfendale destacado na nota 2 sobre uma comunidade na blogosfera vagamente associada às discussões do realismo especulativo e seus desenlaces.

⁹ título do posfácio de Ray Brassier à obra de Pete Wolfendale.

especial entre o que Brassier chama pensamento e mundo, ou que a OOO chama *sensível* [*sensual*] e *real* [...]. Esse claramente não é o caso para Meillassoux, o qual não vê nenhuma dificuldade especial em apreender o em-si através da matematização, um processo que Brassier critica pelo seu apelo a uma 'intuição intelectual' que ele considera (e eu também) impossível. Quanto a Grant, apesar de ele em algum sentido também restaurar o numênico, ele é um monista em última instância que apela a uma natureza única produtiva que se torna individualizada apenas através de várias 'retardações' ou 'contrações' de uma energia-natureza unificada. Logo, não há nenhum salto perigoso entre a realidade e suas imagens para Grant, da forma como há tanto para Brassier quanto para a OOO. (HARMAN, 2018, p.215)

Esse novo eixo destacado por Harman, decidi aqui nomeá-lo como incomensurabilidade/comensurabilidade. Esse separa de um lado filosofias que apostam ou em uma imanência absoluta, relações diretas e imediatas entre todas as coisas e processos, ou na existência de uma capacidade especial (do intelecto, da razão, da matemática, do espírito etc) que permitiria esse acesso imediato ao absoluto (ou ao real); e do outro as filosofias que consideram que há lacunas na realidade, espaços que não podem ser saltados, seja porque nada se relaciona diretamente com nada (para Harman todos os objetos se retiram/*withdraw themselves* em relação a outros), seja porque o acesso à realidade nunca é imediato, mas sempre conformado por um aparato conceitual legado por um processo histórico de elaboração científica dessas ferramentas de sondagem do real (algo com que o realismo transcendental de Brassier provavelmente concordaria). Delineados esses dois eixos, é interessante pensar como eles podem ser usados para localizar outros autores contemporâneos que integram essa mesma cena filosófica, mas infelizmente por limites espaço-temporais me limitarei aqui ao comentário de que Adrian Johnston ² autor que será importante para a essa investigação ³ se localizaria no mesmo quadrante que Ray Brassier (científico-incomensurável e transcendental de acordo com o novo eixo que proponho abaixo).

Dando um passo além de Harman, quero sugerir aqui ainda um terceiro eixo para identificação de afinidades dos projetos filosóficos dos quatro autores que conjuntamente integraram e deram identidade (por mais instável que tenha sido) ao evento de 2007. Tal eixo, que esgota as possibilidades de formação de pares dois a dois entre os autores, é essencial para delinear essa linhagem bastarda que denominei o realismo(/materialismo/naturalismo) transcendental: o eixo que decidi tentativamente chamar transcendental/especulativo e que separa Brassier e Grant de um lado; e Harman e Meillassoux do outro (Figura 1).

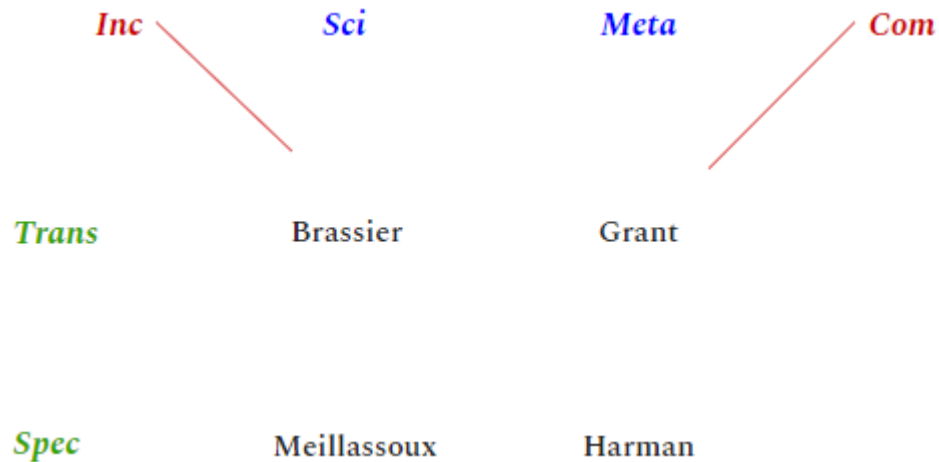


Figura 1. Esquema para identificar alguns eixos estruturantes dos debates sobre o realismo especulativo entre os quatro autores que originalmente compareceram ao evento em Goldsmith em 2007: Ray Brassier; Iain Hamilton Grant; Quentin Meillassoux; Graham Harman. Em azul, o eixo originalmente proposto por Žižek cujos polos são científico/metafísico (*Sci/Meta*); em vermelho o eixo que aqui coloco em direção transversal, sugerido por Harman e que opõe incomensurabilidade/comensurabilidade entre o pensamento (ou o sensual, ou o transcendental) e o real ou em si (*Inc/Com*); e em verde o eixo que proponho aqui opondo um método de filosofia especulativa ‘transcendental’ e um ‘puro’ (*Trans/Spec*). Dois a dois, todos os autores participam de algum dos polos com cada um dos demais: Harman participa do *Inc* com Brassier, do polo *Spec* com Meillassoux e do polo *Meta* com Grant, e assim por diante, revelando possíveis combinações, aproximações e oposições interessantes entre os quatro diferentes modos ‘originais’ de subscrever a uma prática filosófica inspirada no realismo especulativo.

Esse eixo não pretende reafirmar uma oposição entre epistemologia crítica (preocupada com o sujeito transcendental do conhecimento) e ontologia/metafísica dogmática (dedicada a especular aberta e imediatamente sobre o real, o absoluto ou o ser). Sua função é mais a de destacar a afinidade de projetos que ainda tem como ponto central a questão do transcendental, das condições de possibilidade para o pensamento, o sujeito ou as ideias, o que acaba por exigir uma elaboração das mediações entre uma realidade física ou natural e aquela parte específica da realidade em relação à qual parecemos ter um acesso especial e que podemos chamar de conceitual ou ideal (como os de Brassier e Grant); e opor tais projetos àqueles que preferem apelar para um tipo de ‘especulação pura’, que postulam uma realidade que ou é simplesmente opaca e inacessível, ou pode ser imediatamente acessada por uma ‘técnica especial’ que desvie das condições transcendentais que medeiam todo acesso ao mundo.

Um realismo transcendental, fortemente afinado com o polo transcendental de tal eixo, não deixa de se preocupar com a dimensão ontológica (o que é o real) recuando para uma posição que poderíamos chamar de correlacionista (os limites do conhecimento do mundo são idênticos aos limites transcendentais do sujeito). A questão não é a de opor os que incentivam a atividade especulativa em relação ao real, aos que seriam contra esta; mas sim opor modos de se dedicar a essa atividade, onde aqueles que se alinham ao polo transcendental reconhecem a necessidade inevitável de passar pela questão do sujeito, das ideias ou dos conceitos e, portanto, reconhecem a importância do evento filosófico que foi o idealismo alemão (com destaque para os nomes de Kant, Schelling e Hegel); enquanto os que se alinham com o polo aqui chamado de especulativo parecem pretender negar o movimento crítico de Kant ‘sem nem passar por ele’ (o que Meillassoux parece fazer retornando a um modelo epistemológico galileano, e Harman ao postular a inacessibilidade do real e ao mesmo tempo descrever o modo ‘intencional’ de funcionamento desses objetos incognoscíveis¹⁰).

Reconhecendo os limites dessas aproximações axiais entre projetos filosóficos multidimensionalmente divergentes (limites que já estavam presentes na sugestão de Žižek, como na reelaboração de Harman e que apenas se agravam ainda mais nesse projeto), há todavia um ganho na capacidade de reconhecer a proximidade dos projetos transcendentais que exploraram nomenclaturas, redes de influências, e antecessores filosóficos semelhantes. A capacidade aqui apontada é essencial para a identificação da progênie bastarda do realismo especulativo de que falávamos, e um primeiro passo nessa investigação é ressaltar as semelhanças não imediatamente óbvias entre os projetos de Ray Brassier e Iain Hamilton Grant.

O projeto de Brassier é explicitamente descrito como um realismo transcendental em inúmeros momentos, como, entre outros, uma entrevista de 2009 onde ele é diretamente perguntado sobre sua posição filosófica em relação a de outros expoentes do realismo especulativo:

É por isso que eu defendo um ‘realismo transcendental’ de acordo com o qual a ciência conhece o real, mas a natureza desse ‘real’ não é, estritamente falando, objetificável. A ideia básica é que nós podemos conhecer o real por objetos, mas que o real em si não é um objeto [...] Minha própria [posição] poderia ser caracterizada em termos de um

¹⁰ sem ficar claro para este autor como ele pode saber o funcionamento daquilo que ele mesmo postulou como inatingível; nem como ele pode postular a intangibilidade última do real dos objetos sem recair em uma metafísica dogmática, uma vez que o embasamento para esse postulado para além do estatuto de dogma assumido *a priori* exigiria saber algo dessa esfera inatingível.

novo pacto entre metafísica e epistemologia: o realismo transcendental em relação à primeira, e o naturalismo revisional[*revisionary*] em relação à segunda. Há uma realidade que transcende os limites da experiência possível delimitados por Kant, mas estamos aprendendo que ela é populada por ‘coisas’ sobre as quais está se provando cada vez mais difícil dizer ‘o que’ elas são usando os recursos sensíveis [*of sense*] atualmente disponíveis para nós. Teremos que forjar novos vocabulários para podermos dizer o que essas coisas são. Admitidamente, esse projeto ainda tem um toque ‘especulativo’, porém eu gostaria de insistir que a especulação metafísica se mantenha limitada [*constrained*] pelo conhecimento científico. (BRASSIER, 2009)

Já o projeto de Grant, sem uma referência tão clara a esse nome, é frequentemente identificado desta forma, na medida que busca propor uma ‘física transcendental’ a partir de Schelling, mobilizando uma identificação entre o dinâmico e o transcendental, o movimento natural ou material, e o intelectual ou ideal. Essa identificação se dá contudo pelo lado da natureza, que aparece como realidade primeira, como *natura naturans* e estrutura dinâmica da realidade que por si própria é capaz de engendrar todo tipo de entes, incluindo os ideais. Ben Woodard (2010) em uma revisão sobre o livro de Grant *Philosophies of Nature after Schelling* escreve claramente no intuito de aproximar Schelling de um materialismo transcendental, um projeto ao qual ele parece subscrever assim como associar à filosofia de Grant.

O autor dessa nova *Naturephilosophy* parece de fato subscrever a alguma forma de materialismo e/ou naturalismo (conforme o ponto seja privilegiar a matéria ante o Eu transcendental; ou a dinâmica natural frente a uma estrutura cognitiva ou mental). Grant afirmou, lendo Schelling a partir dessa lente particular: “O idealismo schellingiano, então, não implica uma aniquilação do materialismo [...], mas uma regionalização da mente com respeito à matéria, e a explicação simultânea da primeira nos termos da última” (1998) Ou ainda mais recentemente no workshop de Goldsmith, quando sugeriu uma “física especulativa”: “Se aceitarmos que há fundamentos naturalistas para a produção do pensamento, então nós temos que aceitar que os fundamentos naturalistas para a produção de pensamento não são evidentes ao pensamento exceto na medida em que o pensamento é considerado uma parte da natureza” (GRANT, 2007, p.334) E talvez mais desenvolvido em seu livro do ano anterior, quando sugere uma “física transcendental” a partir de Schelling: “Veremos abaixo que a física é precisamente o domínio do transcendental na medida em que sua alçada são os fenômenos finitos; ao mesmo tempo, contudo, o transcendental, como enfatiza Schelling repetidamente, a produção de

fenômenos, pressupõe uma necessária conjunção de matéria e intuição, sem a qual a experiência seria inconcebível.” (id., 2006, p.188).

Os projetos dos dois autores são portanto similares, porém divergentes. As similaridades contudo parecem merecer um destaque na forma do eixo transcendental/especulativo proposto na medida em que no próprio encontro de 2007, Brassier já ressalta uma aproximação entre os dois projetos – uma que Harman parece ignorar e que mesmo Brassier não parece enfatizar novamente: “Porque o ponto chave, se você está comprometido com um realismo transcendental, do qual Iain fornece uma poderosa reconstrução em seu livro, é que é a estrutura da realidade material que gera a estrutura do pensamento.” (2007, p.310)

Iain, portanto, também está comprometido com um tipo de realismo transcendental¹¹ segundo Brassier – mesmo que vejamos a seguir que há pontos de discordância fundamentais entre ambos os projetos. Para Brassier (2007, p.311):

A força do livro de Iain é tentar propor o que ele chama um ‘naturalismo transcendental’ – o qual afirma que se pode explicar a **emergência** da estrutura de ideação a partir da estrutura ideal da realidade física, de forma que a ideação seria capaz de rastrear os dinamismos ideais, os dinamismos transcendentais, que subjazem a realidade meramente empírica ou somática.

A proposta de encontrar estrutura e objetividade na natureza parece comum aos projetos de ambos os autores, no realismo transcendental de Brassier como no que ele chama “a brilhante reconstrução do Schellingianismo de Iain”, um tipo de “‘física transcendental’, uma física do Todo, onde ideias são dinamismos diferenciais, atratores imanentes e inerentes à realidade material [...] e a estrutura ideal da natureza produz a estrutura do pensamento.” (ibid., p.310). Contudo não há apenas harmonia entre esses projetos e Brassier o reconhece no mesmo evento:

O materialismo transcendental que Iain atribui a Schelling, onde as estruturas materiais reais são dinamismos diferenciais abstratos que

¹¹ Não sendo colocados como sinônimos, os termos realismo, materialismo e fisicalismo/naturalismo parecem ser intercambiáveis nesse diálogo, o que permite supor que os autores envolvidos reconhecem sobreposições essenciais entre os referentes para os quais apontam esses diferentes nomes – isso também será importante a seguir quando fizermos uma breve genealogia do nome dessa linhagem bastarda do evento realista-especulativo.

geram e produzem corpos, organismos e objetos espaço-temporais, sem jamais se reduzir a eles. Mas aqui temos uma consequência disso: se a estrutura de ideação é uma função da estrutura ideal da auto-organização material, então o processo é contínuo [ongoing] e Iain enfatiza isso [...] e não apenas há mais para se saber sobre a estrutura da realidade do que sabemos nesse momento; também há mais para se saber sobre a estrutura da ideação do que o que sabemos atualmente. E isso apresenta um dilema para alguém comprometido com uma versão de realismo especulativo: o fisicalismo transcendental [de Iain] insiste que há condições reais de ideação, mas que estas condições possuem uma estrutura ideal. [...]

Eu concordo com Iain sobre a re-inscrição da maquinaria de ideação no domínio físico, e sobre a necessidade de uma naturalização transcendental da epistemologia, mas me pergunto se tal re-inscrição autoriza aquilo que ele chama de 'física especulativa'. (ibid., pp.312, 314)

E após esse ponto de discordância, Brassier descreve mais uma vez a sua abordagem, que demanda uma maior fundamentação da especulação sobre o real em bases científicas, por mais que transitórias e falseáveis, em vez de uma especulação embasada em um tipo de *Naturphilosophie* herdeira do idealismo alemão (ibid., p.323-4):

Minha convicção é e eu acredito ser uma convicção necessária se se quer ser um realista transcendental é minha convicção seria que nós sempre podemos descrever a estrutura da realidade erroneamente, mas que isso não significa que não há um tipo de estrutura profunda subjacente, mesmo que sempre haja algo insatisfatório ou superficial sobre os mecanismos que descrevemos. [...] E me parece que essa é a dinâmica, a dinâmica cognitiva que subjaz a ciência. Não é que descobramos que o que sabíamos era falso, mas que era limitado. É isso que significa descobrir mais sobre o mundo, que há muito mais acontecendo, e que acontece de ser mais complicado, e que precisamos forjar novos recursos para sermos capazes de descrever adequadamente ou identificar esses processos complexos. Então, de algum modo, a distinção não seria entre o que é real e o que não é, mas entre graus, eu suponho é possivelmente entre graus de adequação. E eu penso ser possível descrever o que adequação seria, o que significa para o pensamento ser adequado ao seu objeto, sem recorrer ao *framework* kantiano. Mas ainda estou engatinhando com isso. Eu realmente não tenho nada desenvolvido [*worked out*], então é apenas um tipo de intuição.

Por entre a linha dessa 'conversa' aqui proposta entre Ray Brassier e Iain Hamilton Grant, parece, apesar dos claros pontos de discordância, factível sugerir a aproximação de ambos os autores ao redor de uma vertente 'subterrânea' do realismo especulativo já presente desde o evento de Goldsmith e a vertente associada ao redor do polo 'transcendental' sugerido

como parte do terceiro eixo para agrupar as posições dos quatro autores ‘originais’ do realismo especulativo. Tal vertente ‘transcendental’ do realismo especulativo parece ser a maior contribuinte na composição da genealogia recente de nosso objeto de investigação □ o realismo(/materialismo/naturalismo) transcendental. O que falta fazer agora é sugerir as possíveis origens anteriores dessa tendência, o que de fato só é possível por um trabalho retroativo, um que parte do presente atual desenhado pelas consequências desse evento passado e assim rastreia a trajetória ‘genealógica’ até aqui. Sendo o objeto com que trabalhamos no presente um tanto amorfo, mesmo quimérico ou monstruoso, sua genealogia acabará encontrando uma paternidade duvidosa, um tanto dispersa e até contraditória, contudo aproximada por uma série de acontecimentos que parecem de fato orbitar em torno do evento de 2007, inclusive a ‘aproximação transcendental’ entre Grant e Brassier.

Se a identificação dessa genealogia não-linear for convincente, será possível afirmar que há de fato uma progênie bastarda do realismo especulativo e, por conseguinte, que de fato o realismo especulativo ocorreu, para que tenha deixado uma prole □ mesmo que não exatamente como se conta, nem de forma tão imediata ou facilmente reconhecível, sem a mediação por personagens filosóficas que parecem ter sido ocultadas nessa história.

3. O que é essa progênie transcendental? → 3 nomes, 3 linhagens e (quase) nenhuma correspondência

Trabalhemos em torno do nome proposto ao início dessa investigação, o realismo(/materialismo/naturalismo) transcendental.

Resumidamente, o nome realismo transcendental¹² parece referir-se ao evento de 2007 e especificamente a uma crítica a tradições filosóficas ‘irrealistas’, posições céticas que colocam em dúvida a existência de um real independente dos observadores (ou do humano, da

¹² Outro autor que faz uso desse nome e participa de forma mais distante da esfera de publicações iniciada pelo evento de Goldsmith é Maurizio Ferraris (2015), filósofo italiano (de uma linhagem que atravessa a hermenêutica e a desconstrução derridiana) que participou junto com Markus Gabriel e Simone Maestroni do nascimento do Novo Realismo a partir de evento organizado por estes. Ferraris publica seu Manifesto do Novo Realismo em italiano (2012), o que gera respostas rápidas na esfera da filosofia em línguas neo-latinas (Beuchot; Jerez, 2013), parecendo portanto importante ressaltar os nomes desses autores por aqui. Curiosamente o autor comenta no prólogo de seu livro ter escolhido a forma de manifesto em referência ao manifesto comunista de Marx e Engels que afirmaram, para constatar que então havia comunistas por toda parte, “um espectro ronda a Europa”: entretanto a ameaça agora seria outra, uma vez que um espectro realista ronda o mundo filosófico.

consciência, da linguagem etc.) e que cabem sob o que Meillassoux chamou de ‘correlacionismo’. São realistas os que não são céticos sobre o real.

O materialismo transcendental tem talvez uma história mais tortuosa, que valerá a pena desenvolver mais a fundo a seguir, mas que de imediato pode ser pensado como o contraponto ao idealismo transcendental, denominação da posição de Kant que coloca no sujeito (transcendental) as estruturas generativas do real e seus fenômenos. O materialismo que se opõe a Kant (portanto uma posição anticorrelacionista na medida em que o alemão é talvez a figura mais fortemente associada ao correlacionismo), portanto, deve buscar na materialidade (do real independente do sujeito) as condições que subjazem tanto ao sujeito e suas estruturas ideais, como ao mundo natural ou empírico cujo funcionamento $\square$ especula o materialista transcendental $\square$ demanda categorias para além de qualquer subjetividade.

Por fim, o naturalismo transcendental apela a uma posição mais metodológica que particularmente metafísica, trazendo a noção de naturalismo, a qual remete à posição filosófica que busca aproximar filosofia e ciências naturais, negando a existência de entidades não-naturais (ou sobre-naturais) e vendo a necessidade de submeter qualquer investigação do real a critérios científicos, portanto, a um método de investigação *a posteriori* (baseado em experiências) em busca de verdades sintéticas (não definicionais ou logicamente analisáveis). Um autor que se revelará como contribuidor seminal para a progenie bastarda que investigamos é Wilfrid Sellars, o qual fez uso especificamente do termo naturalismo transcendental para apontar sua posição: uma tentativa de naturalizar o projeto transcendental kantiano sem incorrer em uma redução da esfera normativa à esfera física, ou das razões às causas. Portanto um naturalismo que reconhece uma entidade não-natural específica, a constituição transcendental do espaço das razões, das normas e juízos, mas que não desiste do imperativo naturalista de criar uma ponte entre esse espaço ‘transcendental’ e o espaço físico, natural ou causal usualmente investigado pelas ciências naturais.

Temos, desse modo, três nomes, cada um produzindo um deslocamento do foco específico de ‘uma mesma empreitada investigativa transcendental’. Se nos limitássemos assim a uma investigação quase definicional, não seríamos capazes de tecer importantes conexões que aproximam os projetos associados a esses nomes e provavelmente seríamos obrigados a terminar essa pesquisa com um juízo sobre a vagueza ou falta de clareza conceitual no uso desses termos etc. Para tentar ir além, proporei uma breve genealogia desses termos a complementar essa breve análise nomenclatural. Essa reconhecerá três linhagens, as quais não se sobrepõem com os três nomes acima propostos, mas os reinserem em uma trama maior de

relações e transições entre teias conceituais de tradições diferentes que, contudo, confluem entre si a partir do encontro de 2007.

3.1. Começando com o termo materialismo transcendental, podemos apontar uma linhagem no idealismo alemão, de fato no diálogo com a posição kantiana e, especificamente, seguindo Grant, naquilo que foi definido por Fichte como um erro filosófico, a saber: o erro de afirmar a gênese do Eu por um não-Eu.

Fichte chama esse erro 'materialismo transcendental' porque as condições sob as quais se pretende fornecer as condições geradoras do Eu são materiais, físicas, de forma que podemos concluir: ($\neg$ Eu) = matéria, contingência que vicia os fins. Podemos ainda concluir que não é apenas o caso que $\text{Eu} \neq \text{matéria}$, mas que isso também se aplica até a base [all the way down]: o fundamento [ground] do Eu é o Eu; o da matéria, a matéria. [...] o materialismo transcendental é um erro $\Rightarrow$ uma contradição $\Rightarrow$ porque nele, as causas do ser [ou natureza] são trocadas pelas causas da atividade [ou Eu]. (GRANT, 2011, pp.72)

Esse nome chega ao debate portanto pela oposição sistemática que alguns realistas especulativos fazem tanto aos nomes de Kant como de Fichte, como defensores de posições fortemente 'correlacionistas'. Uma outra via possível e que se conecta no caso tanto a Grant como a Brassier é o que Ben Woodard (2011) chamou de materialismo transcendental de Deleuze e Land. Mais especificamente, o termo adotado por Deleuze para descrever partes de seu projeto filosófico de fato foi 'empirismo transcendental'; e a sugestão do nome materialismo transcendental para caracterizar o projeto landiano parece derivar da edição de Brassier e Mackay dos trabalhos de Land (2011, p.13), uma vez que o transcendental landiano parece identificável com conjuntos de práticas intervindo diretamente no real, circuitos cibernéticos e máquinas libidinais sem qualquer consciência subjetiva ou teorização ideal sobre suas ações (um praticismo ou ciberneticismo transcendental talvez?). Mas é bastante razoável caracterizá-los como materialistas na medida em que ambos os autores se afirmam como tais, propondo inclusive interpretações bastante heterodoxas sobre a materialidade $\square$ cujo desenvolvimento infelizmente não será possível nesse espaço. No artigo de Woodard, ele propõe diferenciar a abordagem de Grant/Schelling das de Deleuze e Land com o nome dinamicismo transcendental (pela ênfase em uma natureza dinâmica como fundamento subjacente a qualquer transcendentalidade). Assim, esses dois participantes chave do evento de 2007 compartilhariam

uma mesma filiação via Deleuze e Nick Land, a qual se definiria por uma influência crítica do idealismo alemão, centralmente pela figura de Kant.

Com uma rede de influências sobreposta, portanto, encontramos a gênese do termo materialismo transcendental, a partir do qual parece razoável especular que a sobreposição semântica com os termos naturalismo, fisicalismo ou realismo impactou na variação manifesta do nome nos trabalhos de Grant e Brassier, uma vez que ora se pretendesse enfatizar o elemento independente do pensamento (ou do sujeito transcendental) como a matéria, a natureza ou o real, remetendo a uma rede conceitual que começa no idealismo alemão, é reeditada pela fenomenologia, criticada pelo estruturalismo, e novamente reeditada em um ‘estranho casamento’ com a tradição marxista-materialista e psicanalítica no pós-estruturalismo francês dominante no cenário filosófico europeu do pós-guerra, antes de sofrer um outro deslocamento em torno do CCRU¹³ e seu deleuzianismo *dark* cibernético-cultural.

Seria interessante especular por que Brassier escolhe o termo realismo transcendental especificamente em vez de materialismo ou naturalismo. Em parte, sua abordagem é explicitamente influenciada por Wilfrid Sellars e aquilo que esse autor chamou de naturalismo transcendental, o qual descrevemos acima. Talvez, uma explicação para a escolha do termo realismo esteja no distanciamento ao materialismo do tipo deleuziano ou landiano, e na restrição do naturalismo ao campo metodológico ou epistemológico (investigações embasadas nas ciências naturais e suas metodologias). Assim, o realismo transcendental seria o tipo de filosofia de Brassier, enquanto abordagem ‘metafísica’ ou especulativa sobre o real para além do imediatamente dado à percepção empírico-sensível.

O desenvolvimento dessa especulação sobre a estabilização do projeto de Brassier sob o nome ‘realismo transcendental’ exige também tomar o fio da segunda linhagem que aqui identificamos. Antes, contudo, terminemos de lidar com a primeira linhagem. Com a breve genealogia apresentada acima, parece plausível verificar que o nome materialismo

¹³ CCRU ou *Cybernetic Culture Research Unit* (Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética) foi um coletivo de pesquisa experimental em teoria cultural, cujos escritos tomavam frequentemente a forma da ‘teoria-ficção’, mesclando *cyberpunk*, horror gótico e cósmico, e elementos de teoria, principalmente das obras de Deleuze e Guattari. Instalado na Universidade de Warwick até se somarem desavenças com o corpo acadêmico, seu nome está fortemente associado a Sadie Plant e Nick Land, mas incluiu em momentos diferentes personalidades como: Stephen Metcalf, Iain Hamilton Grant, Ray Brassier, Mark Fisher, Kodwo Eshun, Robin Mackay e Luciana Parisi. Um interessante perfil da página do MIT Press os descreve assim: “[it] was a name on a door in the Philosophy Department of Warwick University, UK, during the late 1990s. It was a rogue unit, blurring the borders between traditional scholarship, cyberpunk sci-fi, and music journalism. Its frenzied interdisciplinary activity, including the Virtual Futures and Virotechnology conferences and the journal *Abstract Culture*, disturbed Warwick’s Philosophy Department, resulting in the termination of the unit.” Disponível em: <<https://mitpress.mit.edu/contributors/ccru>>

transcendental passa por uma linhagem deleuziana-landiana comum aos dois autores do evento de 2007, na medida em que tanto Grant como Brassier (assim como Mark Fisher¹⁴) foram membros do CCRU antes da data deste encontro fatídico para a filosofia contemporânea. Contudo, associado ao próprio evento do *realismo* especulativo e à forma mais ‘sóbria’ de filosofia que Brassier passa a desenvolver a partir de então, o nome realismo transcendental parece se tornar dominante naquela ‘ala’ ou círculo que Harman identificou como orbitando ao redor do autor. A sobreposição temática, programática e genealógica entre os projetos de Brassier e Grant (e, portanto, com o legado do CCRU e um tipo de deleuzianismo tanatológico) é apenas parcial, contudo, parece essencial na conformação do circuito amorfo que estamos tentando delinear aqui para dar a ver a progênie bastarda do evento de 2007.

3.2. Para tanto, precisamos desenovelar a outra linhagem que converge nesse ponto de inflexão: o transplante do pragmatismo de Wilfrid Sellars e de um certo naturalismo racionalista (ou racionalismo naturalista) acoplado a seu projeto por via do inferencialismo hegeliano-analítico de Robert Brandom. Essa segunda linhagem que se torna cada vez mais relevante nos anos seguintes parece adentrar o campo do realismo especulativo pelo esforço ‘prometeico’ de Brassier e sua transição do niilismo transcendental (quicá à la Land) a um racionalismo sellarsiano. Pelo efeito transdutivo desse elemento nucleante, a ‘ala brassieriana’ do realismo especulativo parece transmutar-se, o que impacta fortemente aquilo que recairá sob o nome de realismo transcendental¹⁵ a partir de então: uma fecundação por enxertia do terreno materialista transcendental por um rigoroso pragmatismo racionalista e naturalista. Relevante para apontar essa transição é a entrevista de Brassier a Suhail Malik em 2015, quando perguntado sobre um possível ‘retrocesso’ de suas ambições filosóficas do niilismo cósmico

¹⁴ Fisher também usa o nome de materialismo transcendental para seu projeto em diálogo com Ray Brassier, apesar de seu foco ser a capacidade ‘material’ de alterar as próprias condições de experiência sensível, ou seja, de interferir materialmente sobre o ‘transcendental’: “As Ray was asking earlier, what is the value of the alienating power of the arts in modernism? It’s an experience that makes one question one’s own experience. And one way of putting that would be, then, that it is an experience which confronts one with the conditions of experience. And beyond Kant is the move from Transcendental Idealism into Transcendental Materialism, where plasticity goes all the way down, where the conditions of experience themselves become subject to transformation, etc.....” (FISHER, 2018)

¹⁵ algo similar pode ser apontado nas obras de autores que participam desse círculo de influências, como o próprio Ben Woodard (que contudo, com Grant, se manteve mais ‘metafísico’), Reza Negarestani (que passa da teoria-ficção de influência deleuziana-landiana em uma geofilosofia quase demonológica para um kantianismo e hegelianismo analíticos em seu atual ‘inumanismo’ neo-racionalista) ou Thomas Moynihan (desde o *Spinal Catastrophism* prefaciado por Grant aos tons mais sóbrios de textos recentes sobre a sobrevivência futura da inteligência humana com referências a Brandom).

anti-correlacionista a um inferencialismo antropocentrado e epistemicamente correlacionista, Brassier responde:

No coração de Nihil Unbound (NU) está um argumento em defesa da ligação necessária entre racionalidade e niilismo, tal que, como você coloca, o pensamento racional precisa assumir [o] nada (o que o livro chama ‘ser-nada’ [being-nothing]) como sua condição produtiva. Contudo o movimento subsequente em direção a Sellars, com quem lidei muito brevemente no NU, é uma continuação direta em vez de um desvio ou uma regressão desse mesmo projeto. Eu reconheço que pode parecer um passo para trás □ um recuo do impasse da extinção □ mas na verdade é um caso do que os franceses chamam reculer pour mieux sautez, ou seja, dar um passo atrás para saltar mais longe. Nesse contexto particular, isso significa reconsiderar minha rejeição apressada da defesa de Sellars da imagem manifesta de modo a refletir mais detidamente o que pode significar desatar [unbind] o pensamento de sua condição terrestre. (BRASSIER; MALIK, 2015, p.214).

Resumidamente está aí apontada a transição entre projetos com uma declaração de sua continuidade entre eles. Este também pode ser apontado como um ponto para a transição entre um tipo de materialismo transcendental e o realismo transcendental em sua versão racionalista/naturalista. A partir de Sellars, Brassier passa a destacar o estatuto do pensamento como um *fazer*, um *ato* inferencial, o que o leva a dizer que o “ponto em que pensar e fazer coincidem é o ponto em que idealismo e materialismo se fundem” (ibid., p.219). Privilegiar o idealismo torna-se também um recurso interessante para o autor na medida em que ele pretende criticar uma série de novos materialismos que ele acredita serem em muitos sentidos mais próximos de idealismos no sentido tradicional do que seu projeto de deslocamento do foco filosófico de uma realidade independente dos humanos para uma razão que permita melhor compreender e intervir nessa realidade. Enquanto alguns veem uma “disjunção absoluta entre razão e natureza”, Brassier rejeita esse dilema e afirma ser a razão “não natural, mas não sobrenatural”:

Ela é não-natural [*unnatural*] porque a propositividade racional não pode ser reduzida a um processo natural: toda regra se encarna em um padrão, mas nem todo padrão encarna uma regra. Contudo a razão não é sobrenatural porque regras (i.e., conceitos) precisam ser realizadas em padrões: elas não podem fazer nada independente de sua realização material. Em outras palavras, conceitos são funções, mas funções precisam ser materialmente realizadas para que possam fazer qualquer coisa. (ibid., p.221)

Nessa mesma entrevista o autor reafirma sua divergência em relação ao anticorrelacionismo então fortemente associado ao realismo especulativo, afirmando que o correlacionismo deve ser entendido como uma doutrina estritamente epistêmica, que faz dele uma “condição para o realismo □ não apenas o realismo empírico que é um corolário do idealismo transcendental de Kant, mas o realismo transcendental que afirma a existência de entidades teóricas independentes da mente” (ibid., p.224). Assim, a preocupação com a epistemologia e sua produção por redes de práticas inferenciais no ‘jogo de perguntas e justificativas’ (*game of giving and asking for reasons*) se revela central no campo de investigação que passa a receber o nome de realismo transcendental¹⁶, valendo a pena uma última citação mais longa para ilustrar o percurso que Brassier passa a fazer desde essa guinada em seu ‘projeto especulativo’:

O ponto é saber o que queremos dizer quando qualificamos algo como ‘real’ e ser capaz de adjudicar questões sobre a ‘realidade’ de algo por uma base racional, em oposição a uma dogmática. Sem essa limitação racional [*rational constraint*], a insígnia de ‘realista’ por si mesma se torna estritamente sem sentido. De fato, as relações entre ‘realismo’, ‘materialismo’, e ‘idealismo’ são de uma tão considerável complexidade dialética, que eu penso ser um erro brandir qualquer uma delas isoladas das demais. Elas derivam qualquer sentido filosófico que possuem de sua interdependência contrastiva. Assim como a asserção de um ‘realismo’ não qualificado ou indiscriminado é pouco significativa, a proclamação de ‘materialismo’ também se tornou vazia [*meaningless*], uma genuflexão a uma ortodoxia acadêmica que frequentemente autoriza posições que são indistinguíveis das mais questionáveis teses do ‘idealismo’ (subjetivismo, espiritualismo, pan-psiquismo, vitalismo, a identidade entre pensamento e ser, e assim por diante). Nesse contexto, eu acredito que o termo ‘idealismo’ merece uma ressuscitação estratégica como um modo de reafirmar a autonomia do conceitual no combate a um virulento anti-racionalismo de certas linhagens contemporâneas de ‘realismos’ e ‘materialismos’. ‘Idealismo’, como uma reivindicação sobre a autonomia do conceitual, não precisa implicar um ‘realismo da ideia’ no sentido de Iain Hamilton Grant, mesmo que os dois estejam ligados de perto. Eu penso que o que divide a mim e Grant é uma divergência sobre o estatuto ontológico dos conceitos, assim como o estatuto conceitual de ‘natureza’. Mas nós dois defendemos a necessidade de articular *eidos* e *hyle*, idealismo e materialismo. Da forma como eu entendo, isso significa conservar a primazia da razão junto com a a-racionalidade do real. Eu não tenho certeza se isso faz de mim um idealista materialista ou um materialista idealista, mas de qualquer forma oxímoros são dialeticamente instrutivos. (ibid., p.224)

¹⁶ como fica muito claro em Wolfendale (2010).

A longa citação parece importante para apontar a dialética de continuidade/descontinuidade nesse projeto filosófico que tanto impactará o campo teórico de uma certa herança do realismo especulativo, deslocando, via influência de um ‘pragmatismo hegeliano’ que aproxima analíticos e continentais, a própria questão da dialética materialismo/idealismo/realismo para um tipo de (quasi-)idealismo centrado no poder prometeico da razão de compreender e reconfigurar o real em si (ou seja, independente dos vieses de seres vivos com suas necessidades, vontades e interesses que tingem suas ‘imagens’ do real).

3.3. Esse é também um ponto de conexão com a terceira linhagem que tento aqui indicar para essa mesma progênie amorfa e bastarda (pois com muitos genitores parece ainda mais difícil adquirir uma certidão com reconhecimento oficial desses sobre a prole), com uma diferente teia conceitual, inflexionada pelo estruturalismo, a psicanálise e a tradição de uma filosofia formalista ou do conceito (um grupo talvez mais ligado à vida das formas ou estruturas, como Lacan e Badiou, que às formas de vida, como os vitalismos de Bergson a Deleuze). Para prosseguir essa delimitação é relevante apontar e seguir de perto o projeto de Adrian Johnston que adota explicitamente o nome de materialismo transcendental (2014) por mais que aponte uma filiação diferente daquela dos demais autores. Johnston descreve seu projeto como um materialismo hegeliano-marxiano-lacaniano e não esconde sua influência por Slavoj Žižek e Alain Badiou, dois pensadores cujos materialismos □ e marxismos □ flertam fortemente com o poder das ideias na constituição do real. O primeiro dos livros de seu grande projeto □ *Prolegomena for Any Future Materialism* □ afirma ter como objetivo a primeira delimitação de seu materialismo transcendental pela via negativa da crítica imanente de três pensadores da cena filosófica francesa recente, ou “para colocar em termos hegelianos, será uma questão de elevar os materialismos lacaniano, badiouiano e meillassouxiano à dignidade de seus Conceitos [Notions]” (2012, pp. 4-5).

A reconhecida influência por Quentin Meillassoux, assim como sua aproximação com Catherine Malabou (com quem escreveu *Self and Emotional Life: Philosophy, Psychoanalysis and Neuroscience*), o colocam em contato com o circuito de uma ‘nova filosofia francesa’¹⁷ em grande confluência com o realismo especulativo em geral, com o qual Johnston

¹⁷ Grupo identificado no trabalho de Ian James por sua contraposição ao paradigma linguístico da filosofia francesa do pós-guerra, e suas diferentes proposições de ir além deste e do anti-fundacionalismo pós-estruturalista, propondo novas técnicas filosóficas, questões e modos de investigação que se associam a uma renovação do materialismo (2012, p.12): “The fact that an affirmation of materialism can be identified across all the thinkers

se engajou fortemente, com muitas de suas publicações saindo nesse circuito. Também podemos voltar a Graham Harman e o modo como ele identifica Badiou e Žižek como expoentes de uma corrente epistemicista associada ao realismo especulativo; não à toa ambos os autores foram convidados para dar contribuições chave (a entrevista de abertura é de Badiou, como a de encerramento é de Žižek) ao livro que talvez tenha se tornado a mais ampla exposição do tema e das diferentes abordagens que acabaram a ele associadas □ o *The Speculative Turn* editado por Bryant, Harman e Srnicek.

Vale a pena delinear um pouco o projeto atual de Johnston, convergente com as duas outras linhagens que apontamos a partir do evento realista-especulativo de Goldsmith, para tentar encontrar, pela forma e conteúdo deste, traços relevantes dessa linhagem zizekiana-badiouiana que também se mescla na progênie de 2007: o realismo(/materialismo/naturalismo) transcendental que me propus investigar.

Para Johnston, o materialismo transcendental é “um framework filosófico que tenta combinar uma ontologia rigorosamente materialista qua anti-idealista (profundamente informada pelas ciências naturais empíricas e experimentais) com uma teoria da subjetividade não-reducionista robusta” empregando recursos do idealismo alemão, marxismo, psicanálise e bio-ciências; assim como é “uma extensão do século XXI do materialismo histórico/dialético de Marx e Engels” que busca suprasumir as tendências formalistas e anti-naturalistas de parte do materialismo francês com seus rompantes neo-racionalistas ambíguos (2013a, np). Seu compromisso com o naturalismo científico e com uma abordagem não-reducionista para pensar a questão do sujeito (transcendental) o aproximam em programa do projeto de Sellars e Brassier, por mais que o primeiro tenderia a mobilizar uma rede conceitual bem diferente e o segundo, mesmo compartilhando influências do marxismo e da psicanálise, apresentaria uma ligação mais forte com o que se poderia chamar um ‘neo-racionalismo’ de algum tipo.

O anti-reducionismo de seu materialismo transcendental o leva a se posicionar fortemente contra qualquer eliminativismo ou uso das noções de epifenômeno e ‘folk

discussed here and aligned in each instance with an unambiguous break with or distancing from a linguistic, structuralist, textualist or discursive paradigm is striking [...] Such a linguistic materialism is perceived by all the thinkers here to be unable to account for a more fundamental materiality: of givenness in the auto-affectation of the flesh (Marion), of sense and embodied existence (Nancy), of technical prosthetics and their constitution of a temporal world (Stiegler), of plasticity (Malabou), of the sensible and its distribution (Rancière), of immanent inconsistent multiplicity (Badiou) and, finally, of the absolute immanence of the One (Laruelle).” Há uma clara sobreposição entre essa ‘nova filosofia francesa’ e o ‘realismo especulativo’, tanto em termos programáticos (criar novas formas de filosofia que superem o paradigma linguístico hegemônico na tradição continental), como nos nomes invocados (Badiou é figura essencial para ambos, e Laruelle é uma das maiores influências ao projeto de Brassier em sua fase, digamos, mais ‘materialista’ que ‘realista’).

psychology’ – o que talvez o afastasse da linhagem sellarsiana-brassieriana em algum nível – por serem estas, “noções que sinalizam uma rejeição de várias entidades e eventos como puramente ilusórios qua aparências causalmente ineficazes, falsidades, fantasias, ficções, irrealidades, etc”. Ao contrário, o materialismo transcendental aqui se alinha com “as abstrações reais/concretas hegeliano-marxianas (assim como com as estruturas que ‘marcham pelas ruas’ de Lacan)”, sendo, portanto, um “materialismo veementemente anti-redutivo/-eliminativo por razões similares àquelas fornecidas por Hegel, Marx e Lacan, entre outros” (2014, pp.2-3).

Em diálogo com os conceitos badiouianos, poderíamos dizer que sua aproximação com as ciências naturais (em vez das ciências formais preferidas por Badiou e Meillassoux), em particular as bio-ciências, passa pelo reconhecimento dos evento-Darwin e -Hebb nas ciências evolutivas do século XIX e neurociências do século passado (2008). Em relação ao primeiro cabe bem sua citação de Brassier, quando este questiona Badiou por desconsiderar as ciências biológicas como talvez “o único discurso científico que está em posição de mediar a produção natural e cognitiva, ou *physis* e *práxis*”, pois não foi exatamente Darwin que revogou a possibilidade de apelar “a uma clivagem absoluta (teológica) entre dois tipos fundamentalmente diferentes de história, uma natural e outra cultural, ou uma história *hylética* e outra *noética*”? (BRASSIER apud JOHNSTON, 2008, p.40). Johnston ainda destaca a lei de Hebb nas ciências cognitivas – *neurons that fire together, wire together*, ou neurônios que disparam juntos permanecem conectados – como evento que marca a abertura para uma relação recíproca entre a autonomia do sujeito (cognitivo, mental, transcendental) e a heteronomia do organismo (e sua configuração neurofisiológica):

Ou seja, fenômenos mentais literalmente esculpem e re-esculpem o cérebro, o qual deve [...] ser pensado como plástico (e como plástico nos dois sentidos destacados por Malabou, a saber, tanto como flexível quanto como resistente, como se movendo entre a maleabilidade da reformação e a fixidez da formação). O cérebro é simultaneamente constituinte (i.e., ele forma a vida mental que emerge dele) e, como Hebb mostra, constituído (i.e., formado pela vida mental que dele emerge). Uma profusão de consequências cruciais para um modelo materialista do sujeito cientificamente informado derivam do evento-Hebb, incluindo: o colapso das versões padrão da distinção natureza-cultura [*nature-nurture*]; a invalidação de materialismos mecanicistas/eliminativistas; e a desmistificação de qualquer determinismo genético vulgar em relação a seres humanos. Essas consequências tornam possível um novo materialismo e uma concepção correlata de subjetividade. (JOHNSTON, 2013b, p.41)

Para o autor, portanto, qualquer materialismo transcendental precisa lidar com novidades das ciências biológicas sobre a condição do sujeito, mas, como já comentamos, o pensamento sobre a gênese do transcendental não pode se limitar a uma abordagem naturalista-científica e por isso Johnston “põe em conversação três orientações profundamente investidas nas controvérsias sobre o transcendental: o idealismo alemão e seus críticos” (incluindo Jacobi, Schulze, Fichte, Schelling e Hegel); “a epistemologia analítica, filosofia da ciência e *scholarship* kantiana de meados do século XX até hoje [...]; e a metafísica continental recente (variadamente representada por, por exemplo, Deleuze, Badiou, Žižek e os assim chamados ‘realistas especulativos’)” (2020, pp.145-6). Um diálogo triplo que se sobrepõe fortemente com a genealogia identificada para o realismo transcendental de Brassier e mesmo com as três linhagens que tentamos aqui delimitar como convergentes a partir do evento-Goldsmith sob o nome realismo(/materialismo/naturalismo) transcendental de modo a ativar retroativamente esse evento por sua prole¹⁸.

Para encerrar essa seção, me parece importante também trazer uma última citação mais longa do autor em termos de definição de seu projeto, a qual retoma muitos dos pontos considerados até aqui e destacados como relevantes na delimitação da linhagem que leva à conformação contemporânea desse amorfo campo aqui triplamente nomeado (e triplamente gestado):

Reformular o materialismo transcendental como (também) naturalismo crítico-dialético sinaliza várias coisas. Começando com o termo ‘crítico’, eu adoto um método idealista (mesmo que não uma ontologia idealista) ao começar com a subjetividade espontânea. Eu o faço de olho no tipo de requerimentos epistemológicos impostos pela crítica kantiana a qualquer metafísica futura. Então, o termo ‘dialético’ designa um procedimento de mover-se além da subjetividade tomada como ponto de partida através do delineamento e mobilização de antagonismos intra-subjetivos, conflitos e afins (i.e., dimensões dialéticas de sujeitos identificadas especialmente pelo idealismo alemão e a psicanálise). Brevemente, eu dialeticamente extraio uma ontologia da natureza pré/não-subjetiva a partir da engenharia reversa de uma teoria da subjetividade mais-que-natural □ esse sendo o cerne do naturalismo crítico-dialético. (2020, p.145)

¹⁸ por mais que das três linhagens que identificamos, a deleuziana-landiana-grantiana, como a badiouiana-žizekiana-johnstoniana recairiam sob a última tradição transcendental que Johnston identificou como ‘metafísica continental’, enquanto a sellarsiana-brandomiana-brassieriana com a segunda da epistemologia e ‘kantianismo’ analíticos; e claramente todas as três seriam fortes devedoras do idealismo alemão como ancestral mais longínquo.

Materialismo transcendental como naturalismo crítico-dialética é um ótimo modo de vincular esse projeto específica e explicitamente tanto ao naturalismo científico como ao idealismo alemão como filosofia crítica e especulação dialética. Feita a crítica cientificamente embasada e filosoficamente equipada das condições de possibilidade de obtenção de conhecimento confiável sobre o real, é possível adentrar o campo dialético-especulativo para continuar obtendo novos elementos a partir dos quais revolucionar nossas aparatos teórico-cognitivos na continuidade do projeto naturalista; ou, como também chamou Brassier, “materialismo revisionário”, que “substitui algo ao amplificar e ampliar [*augment*] o que se sabe e o que se entende”. A ciência não elimina coisas, mas “*multiplica* os tipos de coisas que existem no mundo”, algumas coisas são eliminadas, “mas apenas de modo a redescrevê-las como coisas vastamente mais interessantes e complicadas” (BRASSIER, 2007, p.388-9).

Um real estranho e em constante complexificação exige uma miríade de métodos capazes de expor seus modos de funcionamento e de entrosamento de processos não-intuitivos nem imediatamente compreensíveis. Como adequadamente se dobrar sobre essa realidade (e sobre si mesmo e seus instrumentos teórico-cognitivo-somato-práticos para interagir com esta) sem categorias mediadoras? Sem uma formulação da condição transcendental de pensar o real e de seus condicionamentos meta-transcendentais ? como diz Johnston ? como parte determinada dessa realidade que se pretende pensar/conhecer?

Para essa missão parece essencial a herança do realismo especulativo, particularmente nessa estranha linhagem que parece especialmente viva nas obras de Ray Brassier e Adrian Johnston e que aqui decidimos nomear ? como ato quase voluntarístico para dar forma a essa informe progenie que rasteja pelo campo minado da crítica e intercrítica dos herdeiros do evento-Goldsmith ? realismo(/materialismo/naturalismo) transcendental: a prole bastarda do realismo especulativo é uma estranha quimera de um naturalismo científico metodologicamente rígido e um racionalismo das práticas normativas; um especulativismo metafísico filosoficamente denso e esteticamente *dark*, neo-gótico ou ligado ao horror cósmico e *weird fiction*; e um materialismo politicamente engajado e comprometido com a retomada de um ‘ideal revolucionário’ na teoria e na prática contra o que é reconhecido como um esquerdismo acadêmico protetor do *status quo*.

4.Linhas para um projeto especulativo-transcendental-revolucionário? → *compreendendo o transcendental para transformá-lo*

Nessa breve e última seção, pretendo sugerir que o aspecto revolucionário (transformar mais que apenas interpretar a realidade) tanto está em continuidade com a tendência especulativa-transcendental (ou de um realismo especulativo que devém transcendental), como se apresenta como dimensão marcante dos projetos de dois autores-chave no desenvolvimento recente do que aqui buscamos apresentar como o realismo(/materialismo/naturalismo) transcendental. Ray Brassier □ em especial em trabalhos mais recentes □ e Adrian Johnston não escondem sua proximidade com o marxismo e sua tradição de pensamento revolucionário.

Se assumimos que um projeto ‘meramente’ transcendental encerra seu esforço com a identificação de suas condições *a priori*, com uma configuração *dada* de suas condições de possibilidade; e que tentar ir além para propor explicações possíveis para essas condições, um relato genético sobre a constituição desse transcendental □ que portanto deixa de ser um dado *a priori* □, é recair em especulação... Então de fato a linhagem que aqui proponho apresentar deve ser identificada com um projeto especulativo-transcendental □ ou meta-transcendental como sugere Adrian Johnston (2020).

Longo (2017, p.151) caracteriza esse movimento de uma *especulação* realista como uma “questão de compreender as condições não-experienciáveis da experiência [...], o que pode ser definido como um esforço em prover uma solução não-idealista para o problema tipicamente pós-kantiano da gênese do transcendental”. A compreensão especulativo-transcendental ou crítico-dialética é também condição para a intervenção sobre essas condições da experiência ou da aparição de fenômenos para um sujeito transcendental. Sendo assim, a especulação meta-transcendental se revela como passo necessário para que se obtenha a capacidade de transformação da realidade *dada*, rumo a ‘reprogramações’ do transcendental, ou das condições histórico-naturais reguladoras da experiência.

Para Brassier, elaborando sobre as teses de Marx contra Feuerbach, “[a] história da humanidade, incluindo a história da relação humana com a natureza, é a história da (re)produção social. Nenhum *datum* sensorial é apenas dado”, mas sempre mediado por sistemas de relações sociais (2018b, p.114). O materialismo que se embasa em tal tese, portanto, deve reconhecer que tudo empiricamente percebido passa por mediações histórico-sociais, o que incluiria mesmo o que percebemos como natural (sejam as faculdades do sujeito transcendental ou as ‘leis’ naturais do meio onde este se insere). Johnston, que também elabora suas teses para um materialismo em diálogo com as teses de Marx contra Feuerbach, seguindo mais para o plano

‘ontológico’, propõe que uma abordagem materialista precisa lidar com a natureza não como um *dado* empírico fixo, mas a partir de uma “metafísica (*qua* epistemologia e ontologia sistematicamente integradas) do sujeito transcendental interligado com uma correspondente ontologia da substância meta-transcendental” (2013b, p.93). O projeto do materialismo transcendental é, portanto, para esse autor compreender que:

A lógica dialética do ‘mais é menos’ ativada por complexidade [*complexity-triggered*] se mantém para o cultural como para o natural, para o registro Simbólico do histórico, linguístico e social, como para o registro Real do evolutivo, genético, orgânico. Assim, não apenas a natureza é subdeterminante em virtude de sua impotência (como anorganicismo, *kludginess*, etc) □ também o é a cultura [*nurture*] das estruturas coletivas. [...] [E]sses sistemas, graças a suas complexidades multifacetadas, suspendem não intencionalmente suas próprias leis e comandos, de modo a criar áreas cinzentas imanentes ao sistema nas quais coisas podem acontecer de outro modo [*otherwise*] que o que seria ditado pelas regras e regulações do *business as usual* sistêmico padrão. (ibid., p.96)

Não nos cabe aqui levantar as teses de ambos os autores em detalhe □ um trabalho que ainda planejo desenvolver em estudos vindouros. É central, contudo, apontar a relação entre uma investigação sobre o real que não se limita à ‘correlação’ (e seus ‘correlatos’ no sujeito, discurso, linguagem ou texto) e a abertura da possibilidade de mudá-lo. Esse é o ponto em que uma filosofia realista/materialista/naturalista deixa de ser um simples posicionamento ontológico específico para se tornar uma crítica do real *dado* e um modo de lastrear suas mudanças (revolucionárias).

Para nosso parceiro materialista transcendental, isso é de fato uma questão de *apostas*, uma vez que as ciências empíricas não podem estabelecer verdades últimas e imutáveis. Resta à filosofia apostar nas verdades trazidas pelos campos extra-filosóficos, uma condição para que ela seja uma ‘filosofia de seu tempo’ ao invés de se manter em uma cautela fatalística que levaria a um abandono da “vocação filosófica” e a uma “renúncia de qualquer reivindicação legítima de ser materialista. Em resumo, o materialismo filosófico não pode arcar com não se arriscar” (ibid., p.98). E Johnston busca fazê-lo apostando nas novas ciências biológicas, como na psicanálise lacaniana, idealismo hegeliano e política revolucionária marxiana, para obter uma abordagem materialista que garanta liberdade de ação aos sujeitos sem retirá-los do campo da determinação causal-natural que os gerou:

[S]e se pode formular um relato rigorosamente materialista da emergência natural imanente de seres humanos (auto-)desnaturalizantes da natureza pré-/não-humana? [...] mais precisamente, isso seria a autoliberação de (uma parte da) natureza, especificamente, a auto-desnaturalização da natureza em e através das atividades de organismos com mente e afins [*minded and like-minded*] de um tipo peculiar [...] Um dos fios vermelhos de origem hegeliana atravessando as meditações materialistas de Marx, Engels, Lênin, Bukharin e vários outros, é a concepção segundo a qual *práxis*, como trabalhar humano concebido de forma ampla, de fato envolve um ‘desacoplamento da natureza’ catalizado por ela e imanente a ela. (2017, p.190)

Na elaboração de Brassier, a “prática sensível” (*sensuous practice*) vai assumir esse lugar de destaque como meio de elaboração e distinção dos sujeitos humanos: ela seria aqui não um atributo do humano, mas, enquanto prática *social* sensível, o próprio meio imanente (porém inconsciente) que confere aos humanos que dele participam seus atributos, “ser humano é um atributo da prática social sensível” (2018b, p.111). Assim, “a produção antropossocial é o determinante último da ideação”, um modo de atividade que é tanto determinado pelas condições existentes como capaz de produzir novas condições – assim como a *práxis* apontada por Johnston. A prática (sensível) é que estabelece a verdade/atualidade/efetividade do pensar; ela é, enquanto atividade produtiva sensível, a premissa real para a ciência do materialismo histórico (ibid., p.111-2): “É esse circuito entre atividade condicionada e condicionante que é o ponto inicial real empírico (ao invés de lógico) para uma teoria materialista. Ele é concretamente sensível como meio da prática; não é um *datum* abstrato ou ‘questão de fato’ [*matter of fact*] do tipo favorecido pelo empirismo filosófico”.

A determinação da esfera conceitual ou representacional pelo social é aqui enfatizada, o que não afasta Brassier de seu projeto anterior como alguns poderiam pensar. Do niilismo transcendental à la CCRU e Laruelle, ao realismo transcendental à la Sellars-Brandom, Brassier chega a um materialismo (social-sensível) transcendental. Agora seu objeto de investigação são as práticas sociais como determinantes do pensar individual, o que nos direciona para as possibilidades reais abertas pela compreensão dessa determinação social a nível das intervenções transformadoras dessa mesma realidade. O indivíduo condicionado que compreende seus condicionamentos pode agir sobre eles. A atividade produtiva social tem o potencial revolucionário de alterar as categorias que organizam o real, assim como aquelas pelas quais o compreendemos, em mútua determinação dialética. Para repetir um procedimento anterior, sigo aqui uma longa citação do autor a demonstrar a dialética de

continuidade/descontinuidade entre seu momento sellarsiano (quicá racionalista-pragmatista) e seu momento recente marxiano (quicá materialista transcendental).

O pragmatismo insiste que nossa compreensão sobre o mundo é condicionada por nossos interesses em mudá-lo. O que distingue Sellars de seus precursores pragmatistas não é seu naturalismo, mas seu nominalismo, que é sua concessão ao materialismo: “a forma proposicional pertence apenas à ordem conceitual”. A atenção de Sellars para os modos pelos quais representações não-conceituais formam a ordem conceitual é um sintoma de seu materialismo. Seus herdeiros rortyanos buscaram alinhar seu acoplamento de função normativa e prática social com uma orientação para a democracia liberal. Mas a ênfase na base social da normatividade também aponta para duas outras alternativas radicalmente divergentes: a *interpretação* fenomenológica de Heidegger de nossa compreensão pré-teórica do ser-no-mundo; ou a *explicação* materialista de Marx das práticas econômicas geradas historicamente que subjazem nosso mundo da vida cotidiano. É desnecessário dizer que essa bifurcação tem uma carga política. Mas rejeitá-la também é tomar uma posição política, como faz Rorty ao apresentar o ‘ironismo’ liberal como antídoto esclarecido para a tentação totalitária. Mas se aceitamos a rejeição de Sellars do que ele chamou “todo o *framework* da dadidade [*givenness*]”, então precisamos rejeitar o pressuposto ironista de que nós entendemos implicitamente as práticas sociais em que nos engajamos. O materialismo de Sellars abriga um aspecto dialético subvalorizado: ele nos convida a investigar os processos sub-pessoais (neurobiológicos) como os supra-pessoais (sócio-históricos) através dos quais a socialidade se tornou emaranhada com a normatividade. A atenção de Sellars aos primeiros foi largamente reconhecida: é da mesma ordem que seu compromisso com a explicação científica. Mas em relação aos últimos, o pensador com o qual mais fecundamente podemos paré-lo não é nem Heidegger nem Dewey, mas Marx. (2018c, np)

Mesmo que as ‘apostas’ extra-filosóficas de Brassier sejam outras, há algo em comum entre ele e Johnston no próprio modo de engajamento com a tradição materialista-marxista. Uma comparação mais detalhada expondo pontos de aproximação e divergência precisará aguardar um momento posterior, bastando por hora a insinuação desse fio ‘materialista-revolucionário’ no corpo teórico que parte do realismo especulativo e atinge essa linhagem herdeira que vimos tentando delimitar.

Tal pai, tal filho, talvez essa linhagem sofra com o mesmo mal congênito do realismo especulativo, impedindo uma coesão entre projetos que recaem sob esse nome (como os de Brassier e Johnston). Isso exigiria mesmo repensar os próprios critérios de ‘filiação’ entre elas, e talvez propor uma proximidade temática ou programática capaz de dar conta dessa hereditariedade bastarda, essa fecundação cruzada e lateral, ou mesmo desse tipo de

procedimento de enxertia entre autores que se aproximaram no evento de Goldsmith e acabaram criando pontes não intencionais para continuar seu projeto, mesmo que esse tenha sofrido uma autópsia e sido dado por morto.

Natimorto ou morto-vivo, a quimera bastarda que é o realismo-materialismo-naturalismo transcendental que tentei aqui apresentar (quicá mesmo invocar) parece se mover. Assim, sigo investigando-a, na esperança de ainda compreender melhor essa linhagem e, futuramente, ir além de seu heredograma para um etograma mais completo de seus movimentos recentes.

REFERÊNCIAS:

- BEUCHOT, M. JEREZ, J-L. *Manifiesto del nuevo realismo analógico*. Buenos Aires: Circulo Erméneutico, 2013.
- BRASSIER, Ray; GRANT, Iain H.; HARMAN, Graham; MEILLASSOUX, Quentin. *Speculative Realism*. In: MACKAY, R.. *Collapse - Volume III: Unknown Deleuze/Speculative Realism*. Reprint edition. Urbanomic, 2007. pp.307-449
- BRASSIER, R.; IEVEN, B. Transitzone/Against an Aesthetics of Noise. **nY**, n. May 10, 2009.
- BRASSIER, Ray; MALIK, Suhail. *Reason Is Inconsolable and Non-Conciliatory*: Ray Brassier in Conversation with Suhail Malik. In: MALIK, S.; COX, C. *Realism Materialism Art*. First Edition. Sternberg Press, 2015. pp.213-230
- BRASSIER, R. *Postscript: Speculative Autopsy* In: Wolfendale, P. *Object-Oriented Philosophy: The Noumenon's New Clothes*). Urbanomic, 2018a. pp.407-21.
- BRASSIER, R. Concrete-in-Thought, Concrete-in-Act: Marx, Materialism and the Exchange Abstraction. *Crisis & Critique*, v. 5, n. 1, p. 111–129, 2018b.
- BRASSIER, R. Sellars and Contemporary Philosophy. *Notre Dame Philosophical Reviews*, 2018c. Disponível em: <<https://ndpr.nd.edu/news/sellars-and-contemporary-philosophy/>> . Acesso em: 14 jul. 2020
- BRYANT, L.; SRNICEK, N.; HARMAN, G. *The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism*. First Edition. re.press, 2011.
- FERRARIS, Maurizio. *Manifesto del nuovo realismo*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2012.

- FERRARIS, M. Transcendental Realism. *The Monist*, v. 98, n. 2, p. 215–232, 2015.
- FISHER, Mark. *Practical Eliminativism: Getting Out of the Face, Again*. In: MACKAY, R. et al. *Speculative Aesthetics*. Edição: 2 ed. Urbanomic, 2018.
- GRANT, I. H. *Philosophies of Nature after Schelling*. 1ed. Bloomsbury Academic, 2006.
- GRANT, Iain H. *Does Nature Stay What-it-is?: Dynamics and the Antecedence Criterion*. In: BRYANT, L.; SRNICEK, N.; HARMAN, G. *The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism*. First Edition. re.press, 2011. pp.66-83
- HARMAN, Graham. *brief SR/OOO tutorial*. 2010. Disponível em: <<https://doctorzamalek2.wordpress.com/2010/07/23/brief-srooo-tutorial/>>. Acesso em: 15/02/2022.
- HARMAN, G. The Current State of Speculative Realism. *Speculations in science and technology*, n. IV, p. 22–28, 2013.
- HARMAN, G. *Speculative Realism: An Introduction*. 1. ed. Polity, 2018.
- JAMES, I. *New French Philosophy*. 1. ed. Polity Press, 2012.
- JOHNSTON, A. Alain badiou, the hebb-event, and materialism split from within. *Angelaki Journal of Theoretical Humanities*, v. 13, n. 1, p. 27–49, 1. 2008.
- JOHNSTON, A. *Prolegomena to Any Future Materialism, Volume One: The Outcome of Contemporary French Philosophy*. Northwestern University Press, 2012.
- JOHNSTON, A; GRATTON, P. *On Transcendental Materialism - interview with Adrian Johnston*. 2013a.
- Disponível em: <<https://www.societyandspace.org/articles/on-transcendental-materialism>> Acesso em: 26/09/2019.
- JOHNSTON, A. Points of Forced Freedom: Eleven (More) Theses on Materialism. *Speculations*, n. IV, p. 91–98, 2013b.
- JOHNSTON, A. *Adventures in Transcendental Materialism: Dialogues with Contemporary Thinkers (Speculative Realism)*. 1. ed. Edinburgh University Press, 2014.
- JOHNSTON, A. Holding Lenin Together: Hegelianism and Dialectical Materialism— A Historical Excursus. *Crisis & Critique*, v. 4, n. 1, p. 161–193, 2017.

- JOHNSTON, A. *Meta-transcendentalism and Error-First Ontology: The Cases of Gilbert Simondon and Catherine Malabou* In: KROUPA, G.; SIMONITI, J. *New Realism and Contemporary Philosophy*. 1. ed. Bloomsbury Academic, 2020. pp.145-176
- LONGO, A. The Genesis of the Transcendental: How to Make a Realist Speculation out of Absolute Idealism. *Methode*, v. 5, p. 150–176, 2017.
- MACKAY, R. *Collapse Volume III: Unknown Deleuze/Speculative Realism*. Reprint edition. Urbanomic, 2007.
- MACKAY, R.; BRASSIER, R. *Editors' Introduction* In: LAND, N. *Fanged Noumena: Collected Writings 1987-2007*. 2nd ed. Urbanomic / Sequence Press, 2012. pp.1-54
- WOLFENDALE, P. *Essay on Transcendental Realism*, 2010. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/WOLEOT-2>> Acesso em: 15/10/2021.
- WOLFENDALE, Peter. *Object-Oriented Philosophy: The Noumenon's New Clothes*. Urbanomic, 2018.
- WOODARD, B. Review of Iain Hamilton Grant's Philosophies of Nature after Schelling. *Analecta Hermeneutica*, 2010. Disponível em: <<https://journals.library.mun.ca/ojs/index.php/analecta/article/viewFile/173/116>>
- WOODARD, B. Plotting Nature's Havoc: Potential Realisms between Transcendental Materialism and Transcendental Dynamism. *Identities: Journal for Politics, Gender and Culture*, v. 8, n. 2, p. 81–96, 2011.